

O ESPAÇO CONVERSACIONAL COMO PROMOTOR DA SAÚDE DENTRO DAS ESCOLAS PÚBLICAS

CONVERSATIONAL SPACE AS A HEALTH PROMOTER WITHIN PUBLIC SCHOOLS

Luciano Aparecido Pereira Junior **1**

Laura Raissa Roberto **2**

Thais Silva Cintra **3**

Resumo: Dentro do cenário brasileiro é preciso observar as transformações na relação professor e escola, a fim de permitir condições favoráveis de saúde neste contexto. Como objetivo principal buscou-se compreender com cinco professores da rede pública, como identificavam a possibilidade de se promover saúde ou não em seu ambiente de trabalho. A metodologia foi embasada pela pesquisa qualitativa e pelo referencial teórico-metodológico do Construcionismo Social, sendo os dados coletados em dois grupos de discussão. A análise se deu a partir das transcrições, onde foram construídas categorias relacionadas à promoção da saúde. Assim, o processo de construção de dados possibilitou compreender a importância do espaço conversacional como recurso para se promover saúde. A troca de experiências e vivências durante os grupos de discussão favoreceram aos professores a ampliação de possibilidades de como atuar no ambiente escolar de forma mais saudável.

Palavras-chave: Professores. Qualidade de Vida. Promoção da Saúde.

Abstract: Within the Brazilian scenario, it is necessary to observe the changes in the relationship between teacher and school, in order to allow favorable health conditions in this context. As a main objective, we sought to understand with five public school teachers, how they identified the possibility of promoting health or not in their work environment. The methodology was based on qualitative research and the theoretical-methodological framework of Social Constructionism, with data collected in two discussion groups. The analysis took place from the transcripts, where categories related to health promotion were constructed. Thus, the data construction process made it possible to understand the importance of conversational space as a resource to promote health. The exchange of experiences and experiences during the discussion groups favored the teachers to expand the possibilities of how to act in the school environment in a healthier way.

Keywords: Teachers. Quality of Life. Health Promotion.

Psicólogo e Doutorando em Promoção de Saúde (bolsista CAPES), **1**
Universidade de Franca (UNIFRAN).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7370665119396182>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0310-1865>.
E-mail: lucianojuniorpereira@gmail.com

Psicóloga e Especialista em Saúde Mental, com Ênfase em Depen- **2**
dência Química, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-AD).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4188014118707190>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1853-3561>.
E-mail: laura_raissa56@hotmail.com

Psicóloga e Mestre em Psicologia, Canteiro: Centro de Psicologia, **3**
Estudos e Coletividades.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8739861170569107>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8940-7672>.
E-mail: thais_cintra@hotmail.com

Introdução

O papel do professor, diante de uma sociedade deve ser lembrado e pontuado com exímia importância, visto que são formadores dos sujeitos que compõe uma determinada comunidade. No ambiente de trabalho e no envolvimento com a vida pessoal dos alunos, os professores várias vezes se encontram diante de diversas fontes geradoras de tensão: o lidar com variadas personalidades, com a resistência a mudanças, com a precarização do trabalho docente, as barreiras encontradas no ambiente de trabalho e as dificuldades tanto com relação à direção da escola, quanto com as mudanças atuais, relacionadas à tecnologia e ao capitalismo.

Souza e Leite (2011, p. 1106) destacam que:

Da mesma forma, há também poucos estudos sobre os reflexos da organização e da gestão do trabalho na saúde dos professores e os estudos sobre saúde, de forma geral, buscam os sintomas (autopercepção) e suas patologias e acabam por estabelecer orientações para a promoção e prevenção (estudos prescritivos).

O educador é um profissional em constante formação, que se desenvolve continuamente de forma pessoal e profissional. Ensinar, planejar, participar, dedicar e experimentar, são ações que fazem parte da rotina destes profissionais, ou ao menos, deveriam fazer, a fim de buscar uma maneira que traga consigo aspectos positivos e de prazer ao executar sua profissão. O principal ponto é o respeito ao outro como ser humano, em todas as dimensões escolares e envolvendo todos os sujeitos dentro da escola, e de forma essencial, os transmissores de conhecimento.

A importância da promoção da saúde do professor está além dele próprio, porque o processo educativo é uma rede que está interligada entre todos os envolvidos no ambiente escolar. De acordo com a Secretaria de Políticas de Saúde, vinculada ao Ministério da Saúde (2002, p. 534) “é preciso entender a educação como processo que trata o conhecimento como algo que é construído e apropriado e não como algo a ser transmitido”. E ainda é possível destacar que:

Conhecimento, por sua vez, é fruto da interação e cooperação entre sujeitos que são diferentes, que trazem experiências, interesses, desejos, motivações, valores e crenças que são únicas, singulares, mas que são, ao mesmo tempo, plurais, e, por isso, diversas. Um conhecimento que é incompleto e histórico (SAÚDE, 2002, p. 534).

Sob essa ótica é possível perceber que a educação e a saúde são partes integrantes da formação dos professores, e que construir uma nova cultura em que possam estabelecer ações coletivas de promoção da saúde implica em estimular situações em que a saúde possa ser compreendida não somente na ausência de doença, mas na totalidade do ser.

O professor, portanto, deve ser capacitado a cuidar de si e agir em grupo na defesa da promoção da qualidade de vida, devendo perceber a escola como espaço de humanização e promoção da saúde, onde as práticas educativas não se limitem às tradicionais ações pedagógicas, e, sim, a possibilitar também as transformações individuais e sociais (ROCHA; FERNANDES, 2008, p. 24).

E ao se falar de promoção da saúde, como esta pode ser conceituada? Segundo a Carta de Ottawa, escrita a partir de intenções expressas pelos participantes da 1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, a “promoção da saúde é definida como a capacitação das pessoas e comunidades para modificarem os determinantes da saúde em benefício da própria qualidade de vida” (SAÚDE, 1986, p.s/n).

A qualidade de vida é uma busca incessante por todos os seres humanos e ela só pode ser alcançada diante de um bem-estar físico, mental e social.

A profissão do professor é multifacetada e requer do sujeito um equilíbrio físico, mental e social, pois suas tarefas estão imbricadas com a relação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, atuação na gestão escolar, vivências com pares e formação e desenvolvimento profissional (TARDIF; LESSARD, 2014), tornando assim um trabalho com muitas responsabilidades. Compreender essa ocupação, pensando assim em melhorar o ambiente de trabalho e promover a saúde do professor, é também entender o contexto em que ele está inserido e refletir sobre sua concepção de qualidade de vida.

A qualidade de vida pode ser entendida como um construto, e a partir desta compreensão, pode-se destacar que ela é influenciada pela “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores em que ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (GROUP, 1995, p. 1405).

Diante desta concepção percebe-se que não se pode negar a saúde individual, e que diante da construção de possibilidades de promoção da saúde do professor, deve-se englobar a própria ideia dos docentes sobre sua qualidade de vida e como pretendem transformar e melhorar o cenário de trabalho. Em uma pesquisa feita por Diehl e Carlotto (2014) sobre o conhecimento dos professores a respeito do processo, dos fatores de risco e as consequências da Síndrome de Burnout, mostrou que os aspectos de assistência contra a síndrome revelada pelos professores foram importantes para a elaboração e implantação de projetos de intervenção.

Pensar em qualidade de vida e bem-estar é pensar em algo peculiar a cada sujeito. Assim, como a promoção traz consigo um caráter amplo e de autonomia (CZERESNIA, 2003), ambos os conceitos prosperam e trabalham a singularidade e a unidade do indivíduo, com suas demandas, necessidades e suas variadas formas de pensar, que nem sempre, compactuam com outras.

Este trabalho teve como objetivo compreender e construir, juntamente com os professores, possibilidades de se promover saúde no ambiente de trabalho. Diante das adversidades que influenciam o trabalho do professor, considera-se a importância de pesquisas que busquem reconhecer tais profissionais em sua amplitude (sujeitos para além da escola) e que conseqüentemente, beneficie a sociedade, a fim de que, o ambiente escolar seja um espaço de saúde e que todos os atores envolvidos possam promover saúde.

Metodologia

O construcionismo social, perspectiva que embasou esta pesquisa, possibilitou a construção de novos sentidos e saberes através de um espaço conversacional. Rasera e Japur (2005, p. 23) destacam que o “conhecimento é gerado por processos sociais que constroem o real a partir de diferentes descrições”, e ainda, segundo os mesmos autores, “a pesquisa construcionista não descreve o que as coisas são, mas o processo pelo qual são ativas e continuamente construídas entre as pessoas” (RASERA; JAPUR, 2005, p. 24). Mediante isso, associou-se ao construcionismo a pesquisa qualitativa, com o viés de enriquecer e ampliar novos conceitos.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se atenta ao contexto numérico, mas sim, ao aprofundamento acerca da compreensão de um grupo social. Assim, o pesquisador é integrante da pesquisa, sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Colabora assim, para uma compreensão ampla sobre o significado do que foi construído pelo grupo diante do tema que foi lançado e das discussões e falas que foram retratadas, mantendo a fidelidade a todo conteúdo descrito. O pesquisador se torna assim sujeito e objeto de sua própria pesquisa, possibilitando por meio dos mais variados discursos conhecer e construir conjuntamente a realidade dos envolvidos e suas experiências.

Os grupos de discussão propiciam a troca de experiências, a interação e a relação entre os participantes, o que viabiliza a construção e a colaboração em prol de novas possibilidades de se ver uma determinada situação.

Assim, Weller (2006, p. 241) destaca que os grupos de discussão são “um método de pesquisa que privilegia as interações e uma maior inserção do pesquisador no universo dos

sujeitos, reduzindo, assim, os riscos de interpretações equivocadas sobre o meio pesquisado”. E ainda, segundo este mesmo autor, este tipo de grupo é “um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus*⁴ coletivo do grupo” (2006, p. 247).

A pesquisa foi realizada com um grupo de professores do ensino fundamental e médio, de uma Escola Pública de uma cidade do interior de Minas Gerais. Todos os professores foram convidados a participar, no contraturno e em horário estabelecido por eles, no entanto, de quinze professores convidados apenas cinco participaram. Foram realizados dois grupos de discussão com os professores. Cada encontro teve a duração de uma hora e meia e aconteceu em duas semanas consecutivas.

O estudo foi aprovado sob o CAAE nº 73015817.0.0000.5495, junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Franca. Os participantes assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) e os Termos de Assentimento, mediante requisito essencial para a prática de pesquisa que envolva seres humanos.

Os temas explorados durante os grupos de discussão foram, “*O que é ser professor? Vivências e experiências*” e “*O que é ser saudável? O que é promoção da saúde? Como construir um ambiente escolar saudável/ser saudável?*”.

A análise do conteúdo foi realizada a partir do fluxo conversacional que aconteceu durante os grupos de discussão, utilizando-se de gravações e transcrições. A partir das transcrições foram construídos temas, a fim de, compreender como o sentido foi sendo produzido durante o diálogo junto com os professores. Como pontua Rasera e Japur (2001) cada transcrição deve ser analisada de forma exaustiva, um debruçar completo e coeso sobre o conteúdo ali transcrito, observando sempre os conteúdos construídos nos discursos e a relação destes com os temas que surgem a partir dos grupos.

Resultados e discussão

A partir do material coletado, as categorias de análise construídas foram: Ser professor: identidade, perfil e funções; Influências externas: sociedade, família, política e tecnologia; Esperança e gratificação; existe um caminho para ser professor; Construindo um ambiente escolar saudável; “Máquinas da Escola”. Alguns temas foram agrupados durante a discussão, considerando sua proximidade de sentidos. Os participantes foram codificados pela letra P, se referindo à palavra professor, seguida de um número, a fim de identificar neste estudo a fala de cada integrante do grupo.

Ser professor: identidade, perfil e funções

O processo de “ser professor” perpassa por diversos fatores que afetam diretamente o ministrar aulas e conseguir uma identidade particular e a valorização desta, enquanto, nomenclatura cabível a profissão (GALINDO, 2004). Ao perder a identidade, há uma lacuna que fica perdida e desconexa, mas que, em pontos essenciais não deve ser uma culpabilização ou cobrança do professor, mas o retrato de uma corresponsabilização sistemática que envolve todos os sujeitos envolvidos na estrutura escolar. Como aponta Galindo (2004) é preciso salientar que a identidade do professor se dá como a construção deles enquanto profissionais, ou seja, de sujeitos que em relação constroem sentidos sobre o ser professor (GALINDO, 2004).

Em um primeiro momento fora preciso estabelecer “o que é ser professor” e a identidade deste, frente a sua profissão e ocupação social. Discutiui-se acerca dos discursos destes, perante suas falas nos grupos de promoção da saúde. Algumas falas foram importantes sobre o ser professor, como estas:

P1: Eu...eu acredito assim, ser professor é ensinar tudo que deve ser ensinado, neh, dentro de uma sala de aula referente a um conteúdo.

1 Termo utilizado por Weller (2006, p. 247) que se refere ao termo “habitus” de Pierre Bourdieu. BOURDIEU, P. Sozialer sinn: k Sozialer sinn ritik der theoretischen vernunft. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1999.

P2: (...) eu acho que ser professor hoje é mais do que você chegar na sala de aula e mandar o conteúdo na lousa e o você tem que aprender essa conta aqui, eu sou professor de matemática. Você tem que aprender essa conta aqui porque você vai usar essa conta lá fora, e ela vai fazer você ganhar dinheiro, é.... Eu acho também que numa sala de trinta alunos dependendo da conversa que você tem com um ou com outro de trinta você pode estar salvando um ou dois, nesse mundo de milhões dois que você salvou, quem sabe esses dois salva mais um ou dois lá na frente, dependendo da conversa que você tem com ele (...).

Neste sentido, houve um questionamento do que é ser professor e se este faz apenas o que lhe cabe e o qual fora formado para realizar, ou se ele, além de suas funções, está agregando responsabilidades que não cabem a sua função. Seja o ensinar determinado conteúdo e estar salvando um ou dois alunos, o professor reflete a importância da relação, e o quanto a falta de comunicação, torna seu trabalho completamente ineficaz: para haver saúde, é preciso uma escuta. Professores que se colocam como formadores de cidadãos, mesmo “sendo poucos os que salvam”.

A profissão docente na atualidade passa por um processo de intensas discussões, que envolvem os vários aspectos pertinentes ao trabalho do professor decorrentes da própria complexidade dos fatores que envolvem a formação humana no contexto atual. Estes, por sua vez, exigem do profissional docente elevado repertório de características que vão desde conhecimentos, atitudes e valores, para dar conta da formação integral do educando e de sua própria formação. No entanto, mesmo diante das inúmeras funções que se agregam à profissão docente, estes, geralmente, constituem-se em profissionais que procuram meios para responder às exigências que a sociedade lhes impõe, fazendo uso de seus saberes, seus valores e suas habilidades para concretização dessa tarefa (DONATO; ENS, 2009, p. 6863).

São muitas as exigências sobre e para com o professor. São diversos os deveres a cumprir, mas faltam-lhe os suportes necessários para realizar o que lhe é cobrado. E é nesse sentido que ele se sente enfraquecido e começa a questionar seu papel, função, o “ser professor” e sua identidade.

Respinga sobre o professor o desamparo de não saber o que é, de não ter sua identidade, mesmo diante de muita luta. Assim, como ressalta Galindo (2004, p.15) “tomamos a identificação como processo precursor da construção da identidade por sugerir um vínculo ou atração, por parte do indivíduo, para algum objeto que esteja “lá” onde ele deseja estar”. Um objeto de identificar-se com sua profissão, com sua formação enquanto licenciado em determinado curso. Falas, como as que foram demonstradas abaixo, indagam sobre o momento que estes estão vivendo e o que precisa ser feito para que esta identidade possa ser resgatada.

P3: Então aqui na escola a gente tá aqui pra ensinar, pra educar, aqui a gente é professor, é psicólogo, é babá, é médico, é palhaço, é tudo, sabe, acho que a última coisa que a gente é mesmo, é professor, o resto à gente é bem mais o que isso.

P5: Então, eu também acredito que a gente é um pouco de tudo e eu acho que em último caso a gente é professor, a

gente é mãe, é tudo, a gente é conselheiro, a gente escuta, eles choraram, eles vêm contar, eles contam da paquera, das angústias, do que acontece lá fora.

P4: Acho que hoje, em último caso, pra quem está na sala de aula é ser professor. A gente é uma série de coisas, mas depois professor.

P5: Mas então este papel do professor é o último que fica!

P5: Tomara que não, mas eu estou um pouco decepcionada, com a professora, porque eu deixei de ser professora, eu não sou professora, não sou mais professora, eu sou uma mãe, eu sou uma enfermeira!

P5: Meu papel como professor não existe mais sabe, fico para trás, eu fico me sentindo péssima!

Como pode ser observado diante das falas citadas acima, o ser professor é o último papel que lhes cabe ou talvez, nem exista mais. É um atender as demandas dos vários alunos em sala de aula, e deixar perder sua função enquanto docente. É possível interpretar, por meio da análise conversacional que não se tem o intuito de culpabilizar o professor e responsabilizá-lo por querer fazer mais do que lhe cabe, mas sim, que há uma necessidade de corresponsabilização, ao entender que, estes diante das mais variadas demandas de seus alunos e suas dificuldades, viam em si mesmos reflexos de famílias desestruturadas e de uma sociedade cega à realidade das pessoas que nela vivem.

Assim, vislumbrando esta conceituação acerca do ser professor e de reestabelecer sua identidade, é preciso considerar que “a identidade inserida nesse jogo pressupõe uma concepção do sujeito humano como portador da capacidade de simbolizar, de representar, de criar e compartilhar significados em relação aos objetos com os quais convive” (GALINDO, 2004, p. 15).

É assim, diante de todo esse pressuposto que se pode dar sentido ao quanto à relação é necessária no processo de construção. É preciso um grupo que interaja com o intuito de produzir sentidos e significados, assim, como nomear o professor tal como ele é no exercício de seu papel e de suas funções.

Influências externas: sociedade, família, política e tecnologia

O processo de ensinagem, nas escolas públicas depende diretamente de como o sistema (representantes governamentais), comunidades, escolas, direções, professores, familiares e sujeitos interagem em uma ampla relação. É mediante tais relações que “o professor, independentemente das alterações que ocorram no ensino e na educação, tem sido e continuará a ser considerado um elemento central na e à sociedade” (GOMES *et al.*, 2013, p. 247).

Destacamos um contexto importante: sociedade e família. O que retrata o modo como estes cenários variados interferem no ser professor e na sua identidade, e ao mesmo tempo, no ser humano por de trás do profissional.

P2: (...) Muitas vezes a gente tem que educar os nossos alunos, por quê? Porque em casa eles não têm, às vezes não tem a conversa, às vezes o pai trabalha o dia inteiro, a mãe trabalha o dia inteiro, aonde que ele vai buscar essa conversa, essa proximidade, essa proximidade de dialogar mesmo da vida, da situação dele, da escola, de uma lição, de uma briga, da discussão que ele teve, às vezes ele busca no professor, às vezes

nós somos os espelhos de muitos aqui, só que muitas vezes a gente não percebe isso, é isso eu acho que ser professor hoje é isso.

Os professores apontaram que muitas vezes têm como demanda se adequar às mais variadas necessidades de seus alunos. Estudantes que possuem conflitos familiares latejantes e dificuldades de aprendizagem; que não possuem o apoio de seus familiares e muito menos alguém que os estimule ao estudo. O professor vislumbra em si, um espelho, como um modelo a ser seguido.

A sociedade impõe sobre os sujeitos os seus moldes e influências, e isso reflete diretamente nas famílias e nas escolas.

P3: Até porque, se a gente for pegar o contexto da sociedade hoje, que a gente vive, vamos pegar, voltar assim, para aquela coisa horrível que está acontecendo na política. Então, quer dizer, os nossos alunos, veem aquilo lá, aquela corrupção assim, desmedida, sabe. Então quer dizer, se já não tem uma cabeça tão legal, ouve e vê que quem se dá bem é corruptível. Entendeu? Então, é difícil você ver realmente uma perspectiva nessa geração de agora, só que se você perguntar para mim se eu tenho perspectiva, eu tenho, mas não nessa geração.

P3: Mas essa geração de agora, sinceramente eu também não consigo ver, primeiro porque a gente está com um exemplo, assim, horrível. Você vai olhar a política do Brasil, sabe, enoja, né, dá nojo de ver, dá nojo. Então aí você vê os nossos alunos, que já têm, né, essa ideia, igual, por exemplo, ela citou um menino, eu sei quem que é o menino, tanto que eu já dei aula pra mãe e pro pai dele, então... Ele, ele teve... Apesar que assim, ele até em termo de comportamento ele é bem melhor do que o pai e a mãe dele era, do que o pai e a mãe dele eram. Nosso Deus! A mãe dele era uma porteira de bruta, sabe. E ele por todos os problemas que ele tem, de querer fazer tudo, pelo menos, com brutalidade ele não trata né, ele é educado, ele é um menino educado.

Um questionamento pontuado é o quanto os representantes e governantes do país, são exemplos para as crianças e adolescentes em formação. A vivência em um mundo corruptível e as relações familiares, como ocorreu na família acima citada.

Hagemeyer (2004, p. 68) traz um contexto muito interessante, em que se pode destacar que:

Ao refletir sobre a função do professor na atualidade, deparamo-nos com a dificuldade de combinar os muitos fatores que dizem respeito à formação humana. O contexto atual, em que os problemas político-econômicos estão aliados à vertiginosa evolução científica e tecnológica, reflete-se em mudanças nas formas de ser e viver dos homens em todos os níveis, desconcertando a quem tem a profissão de ensinar/formar crianças e adolescentes.

E aí, cabe a questão: qual a função do professor na atualidade? É fato que as tecnologias influenciam (HAGEMEYER, 2004), porém, os exemplos políticos e a questão econômica (inves-

timentos) são vieses necessários para a educação. Está incluso aí, o preocupar-se com o outro e com as condições sociais que os rodeiam, e interfere diretamente no seu trabalho, refletindo na saúde destes profissionais.

Sendo assim, é na mudança de valores sociais e individuais, que partem as relações entre alunos e professores, incluindo as significações que são dadas a estes contatos. É um acreditar em possibilidades, em algo que pode vir, sem segregar um aluno, ou sujeito, a ser fadado a trilhar o mesmo caminho que os próprios pais: enxergam possibilidade neles, desde que escolham fazer diferente.

“Esperança e gratificação” e “Existe um caminho para ser professor?”

Apesar das dificuldades relatadas os professores ainda trazem a esperança, o amor e a crença em si e em sua profissão. Como salienta Hagemeyer (2004), embora existam diversas preocupações sobre o “ser professor”, vários destes profissionais, ainda se mantêm ativos nas salas de aula, o que reforça a necessidade de suporta e reestruturação da profissão. É preciso buscar o que é próprio do “ser professor” e resgatar a natureza de sua identidade.

P3: É um orgulho para a gente. Então eu falo assim: a maior gratificação que um professor tem, principalmente na escola pública, é ver que um aluno se deu bem, sabe, que ele, ele virou alguma coisa, e assim, a preocupação é assim, igual à P4. falou, de você olhar na cara daquele menino e pensar o que será dele amanhã.

P5: Eu no meu caso, sinceramente, eu não vejo. Porque o cobrado hoje, não é o cidadão, formar o cidadão, e aí a gente é cobrado o que, notas, melhorias na causa externa, resultados. Como que você vai dar resultados, se a sua clientela tem problemas? Então você tem que chegar no aluno primeiro, né, então isso fica difícil.

P3: (...) acho que isso que a gente está fazendo aqui; acho que as nossas reuniões de módulo, tinham quer ser todas assim.

Em seus discursos, os professores trouxeram o quanto é gratificante e significativo para eles o fato de que o professor vê em seus alunos a possibilidade de um futuro promissor, principalmente quando eles veem que alguns deles alcançaram uma profissão. Ainda na perspectiva, destacaram como possibilidade e caminho para a realização de seu trabalho, de maneira saudável, a inserção do diálogo, do enriquecimento de conhecimentos e a partilha de experiências, como maneira de amenizar o quão é conflitante as questões sociais que chegam a eles na sala de aula. Vislumbraram como possibilidade de tornar o ambiente saudável, a comunicação entre os professores, com a preocupação de trocar conhecimentos e experiências frente às vivências de cada um deles, construindo assim novos conceitos acerca do ensinar e de tornar o ambiente escolar saudável, tendo como viés essencial à comunicação.

Nas escolas, o trabalho de promoção da saúde com os estudantes, e com professores e funcionários, precisa ter como ponto de partida “o que eles sabem” e “o que eles podem fazer”, desenvolvendo em cada um a capacidade de interpretar o cotidiano e atuar de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos adequados para a melhoria da qualidade de vida. Nesse processo, as bases são as “forças” de cada um, no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania (BRASIL, 2009, p.11).

É neste caminhar para as possibilidades que professores e a escola passam a interagir em uma rede de diálogo e compreensão sobre a construção de sentidos sobre o promover saúde e o fato de que todos estão envolvidos neste processo, cada qual, contribuindo com sua capacidade e maneira.

P5: Acho que vou ter que voltar a fazer curso, estudar de novo, reaprender.

O ser professor é para eles algo que vai se aprimorando no decorrer do tempo, e novas maneiras de ensinagem e diálogo com os alunos, vão se criando e ganhando representatividade no ambiente de sala de aula, e posteriormente, no escolar como um todo. Assumiram que diante das dificuldades, é necessário um aprimoramento, um reaprender sobre o ser professor e o lidar com os alunos e a atual geração, com suas variadas tecnologias. Mas, é válido destacar, que disseram ter dificuldade em encontrar cursos de capacitação que atendam de fato às suas demandas.

P3: Quase não tem, e os que têm, assim, não são tão eficazes, né (fala dos cursos que são oferecidos).

Jacó-Vilela e Sato (2012) destacam que a compreensão do trabalho do professor como um processo de transformação do docente e do aluno, acentua o caráter contraditório das demandas que recebem, mas que, mesmo mediante tais adversidades acreditam que mudanças são possíveis.

Construir possibilidades é emprenhar-se no diálogo e na construção de sentidos, a partir de uma relação e troca contínua de experiências e conhecimentos. O grupo torna-se essencial para que haja dinâmica e discussão. Dentro dessa relação, a promoção da saúde se inicia no se colocar à disposição do outro, na escuta atenta e aberta de suas falas. Assim, é a partir do diálogo que alguns aspectos podem ser questionados, e problemas podem ter solução, vislumbrando a troca possibilitada, por meio da conversa (CINTRA, 2013).

“Construindo um ambiente escolar saudável” e “Máquinas da escola”

Como foi possível perceber até aqui, a pesquisa demonstrou o que a Carta de Ottawa tem afirmado a respeito dos fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos que podem afetar de forma positiva e negativa a saúde das pessoas (SAÚDE, 1986). Segundo os relatos dos professores participantes da pesquisa não havia estrutura promotora de saúde em seu ambiente de trabalho. Suas falas giraram em torno do desamparo e da necessidade de serem ouvidos, demonstrando a importância do diálogo para a construção do ambiente de trabalho. O diálogo tem um papel fundamental na vida dos seres humanos. Por meio dele é possível criar, discutir, compreender, desconstruir e construir possibilidades. Segundo Vieira (2004, p. 31) “a atitude dialógica, portanto, foi e continua a ser à base da legitimidade da ordem social”.

Uma das formas de se promover saúde levantada pelos professores foi a relação entre eles próprios, demonstrando a necessidade do diálogo para construção do vínculo. Em suas falas foi possível perceber que os sujeitos pesquisados veem no outro um apoio.

P3: Não tem ninguém para nos ouvir. Porque a gente não sabe lidar com o sentimento da gente.

P2: Então, mas mesmo sabendo vai chegar uma hora que vai juntar tanta coisa, tanta coisa, que você não vai conseguir administrar aquilo mais. É onde você vai buscar ajuda em

quem? No seu colega, no seu diretor, no seu supervisor, no seu coordenador, no faxineiro, no cozinheiro, até com alunos a gente tenta bater um papinho de leve para dar uma saída... Tirar um pouquinho a gente daquilo.

P2: O primeiro ponto é a convivência entre colegas. Se você não convive bem com a professora P4, você não consegue trabalhar bem. Uma hora ou outra você vai ter que trabalhar com ela. Você não vai conseguir fazer o seu trabalho 100%. Eu acho que o primeiro ponto é a convivência entre os colegas: diretor, professor, funcionários, e por aí vai. Eu partiria daí.

P3: São três professores ao mesmo tempo dentro da sala de aula. Eu acredito também que essa convivência gera um ambiente mais saudável mais prazeroso.

P2: É igual um motor funcionando. Se uma pecinha dá defeito aquele motor não vai funcionar, se a engrenagem dá defeito não vai mais funcionar. (...). O motorzinho vai perder a força vai começar a falhar até não funcionar mais.

Esses afetos foram levantados como fatores fundamentais na promoção de sua saúde. No primeiro encontro os professores levantaram a possibilidade de serem realizados grupos nas reuniões para aumentar o vínculo entre eles e para a troca de experiências. Como nas falas a seguir:

P3: (...) acho que isso que a gente está fazendo aqui; acho que as nossas reuniões de módulo, tinham quer ser todas assim.

P4: A gente até aqui dentro da própria escola, a gente é meio que diretor também, porque, a gente não tem apoio, a gente é muito cobrado, mas a gente não tem apoio. E eu posso dizer isso, porque elas estão aqui e de uns tempos para cá, a gente tem sofrido muito com isso: eu, a P1 e a P3. Com abuso de autoridade, sugeri a minha colega que procurasse outra escola.

O afeto por si próprio, o cuidar de si, também foram levantados como importantes na promoção de sua saúde. De acordo com a Carta de Ottawa (SAÚDE, 1986) a alteração dos padrões de vida, do trabalho e dos tempos livres tem tido um impacto significativo na saúde. O trabalho e os tempos livres deveriam ser uma fonte de saúde para as populações. "A organização social do trabalho deveria contribuir para a constituição de uma sociedade mais saudável. A promoção da saúde gera condições de vida e trabalho seguras, estimulantes, satisfatórias e agradáveis" (SAÚDE, 1986, p. s/n). Esses dados demonstram a importância e o impacto também do cuidado fora do trabalho para uma promoção da saúde e aumento na qualidade de vida.

P5: Eu estou virando gente agora (risos). Eu estou aprendendo a me amar.

P2: (...) isso é, evitando o máximo ser acomodado, para tudo, se eu preciso de uma atividade física, mesmo não gostando, da tal da academia (risos), do ambiente, e tal, eu vou mesmo

assim, não que eu, que isso vai me afetar durante o dia, que vai me deixar estressado, não. Muito pelo contrário, minha disposição melhora, eu durmo melhor, a minha saúde com certeza melhora, acho que é isso.

Para os indivíduos pesquisados ressaltar o vínculo por meio do diálogo e do ser ouvido, cria um espaço em que é possível promover a saúde e aumentar a qualidade do trabalho, melhorando assim, a satisfação deles próprios com suas identidades profissionais, auxiliando ainda mais em sua saúde biopsicossocial. Sobre essa possibilidade de melhorias levantada pelos professores, podemos relacionar com as diretrizes que se referem sobre a capacitação dos sujeitos contida na Carta de Ottawa (SAÚDE, 1986, p. s/n) em que é ressaltada a necessidade de uma “sólida implantação num meio favorável, acesso à informação, estilos de vida e oportunidades que permitam opções saudáveis. As populações não podem realizar totalmente o seu potencial de saúde sem que sejam capazes de controlar os fatores que a determinam”.

Contini (2000, p.3) afirma que:

O conhecimento das relações institucionais, cuja dinâmica é atravessada por afetos, pode criar um espaço de promoção de saúde, ao possibilitar a ruptura dos comportamentos cristalizados, emergindo o sujeito intencional, ou seja, aquele que está cômico das suas ações e pode, dessa forma, colaborar com a alteração do curso dos fatos e da estrutura institucional.

A necessidade de diálogo entre os pares, a troca de informação é uma forma de validá-los como sujeitos atuantes em sua própria saúde, pois a promoção da saúde reivindica uma ação coordenada entre todos os participantes, sejam eles, governos, setores da saúde, social e econômico, organizações não governamentais e de voluntários, autarquias, empresas, comunicação social.

Há a necessidade, de por meio de grupos de discussão, associar e conciliar experiências, de mudanças, diferenças e igualdades, que ao fim, possibilitem a construção de novas maneiras de vislumbrar um mesmo acontecimento e como lidar frente a estes, sabendo que podem existir vários caminhos que levem a um objetivo almejado (CINTRA, 2013).

Assim, enfatizando o que fora dito, pode-se destacar que Contini (2000) salienta a importância da compreensão do conceito de saúde na promoção dela, afirmando que a compreensão dos fatores que se inter-relacionam (somáticos e psíquicos), permite ao sujeito produzir ações apropriadas no seu contexto social para o enfrentamento das problemáticas que se apresentam no seu dia a dia.

Considerações Finais

Deste modo, destacando o que fora trabalhado nesta pesquisa, salienta-se a importância das relações, das construções e do diálogo, possibilitando que haja a promoção de saúde pautada nestes três aspectos, em qualquer ambiente, assim como ocorreu durante essa pesquisa.

O processo conversacional e o estar em grupo possibilitam que a interação e a comunicação aconteçam, tendo como fator principal o construir sentidos e possibilidades para determinados aspectos. É o ver de diversas maneiras um mesmo acontecimento e dar a ele caminhos para a sua resolução.

O estudo possui limitações, como o número pequeno de professores participantes (5), por descrever apenas a realidade de uma escola, situada em uma cidade do interior de Minas Gerais, não contemplando as realidades vivenciadas em todas as escolas do país, mas estimulando para que novas pesquisas abordem esta população e se atentem às suas demandas e necessidades.

Por fim, é através do trabalho grupal, dinâmico e interdisciplinar que novos conceitos

vão sendo construídos e tendo sentido e significado para um determinado grupo. Tudo parte do pressuposto de conhecer e compreender aquele grupo, para posteriormente, juntamente com ele, construir novos caminhos e possibilidades. Assim, enfatiza-se a importância e necessidade da vinculação e de uma comunicação assertiva que englobe todos os profissionais e pessoas envolvidas na promoção da saúde para si e para o ambiente escolar. Formando então, uma rede capaz de se sustentar diante das experiências e vivências dos indivíduos envolvidos.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Atenção Básica: Saúde na Escola**. Ministério da Saúde, 2009.

CINTRA, T. S. **Sentidos construídos com profissionais de saúde da família sobre trabalho em equipe**. FFCLRP/USP, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-26112013-091429/pt-br.php>. Acesso em: 05 set. 2020.

CONTINI, M. de L. J. Discutindo o conceito de promoção de saúde no trabalho do psicólogo que atua na educação. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 46-59, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200008>. Acesso em: 05 set. 2020.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

DIEHL, L.; CARLOTTO, M. S. Conhecimento de professores sobre a Síndrome de Burnout: processo, fatores de risco e consequências. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 4, p. 741-752, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722455415>. Acesso em: 07 set. 2020.

DONATO, S. P.; ENS, R. T. Representações sociais do ser professor no contexto atual – desafios, incertezas e possibilidades. **EDUCERE**, p. 6862-6876, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23054_11847.pdf. Acesso em: 06 set. 2020.

GALINDO, W. C. M. A construção da identidade profissional docente. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 24, n. 2, p. 14-23, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a03.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, P. M. S.; FERREIRA, C. P. P.; PEREIRA, A. L.; BATISTA, P. M. F. A identidade profissional do professor: um estudo de revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 2, p. 247-267, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092013000200009>. Acesso em: 05 set. 2020.

GROUP, The WHOQOL. **The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization**. *Soc Sci Med*, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(95\)00112-K](https://doi.org/10.1016/0277-9536(95)00112-K). Acesso em: 07 set. 2020.

HAGEMEYER, R. C. de C. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. **Educar**, v. 24, p. 67-85, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.350>. Acesso em: 07 de set. 2020.

JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.

MÉLLO, R. P.; SILVA, A. A.; Lima, M. L. C.; Paolo, A. F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>. Acesso em: 05 set. 2020.

PSICOLOGIA, Conselho Federal de. **Resolução CFP Nº 016/2000: dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos.** CFP, 2000.

PSICOLOGIA, Conselho Federal de. (2003). **Resolução CFP Nº 007/2003: institui o manual de elaboração de documentos escritos produzidos pelo psicólogo.** CFP.

PSICOLOGIA, Conselho Federal de. **Resolução CFP Nº 023/2007: dispõe sobre o novo Código de Ética do Psicólogo.** CFP, 2007.

RASERA, E. F.; JAPUR, M. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. **Paidéia**, v. 15, n. 30, p. 21-29, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>. Acesso em 05 set. 2020.

RASERA, E. F.; JAPUR, M. Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, p. 201-209, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100017>. Acesso em 07 de set. 2020.

ROCHA, V. M. da; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida dos professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção de saúde do trabalhador. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 1, p. 23-27, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852008000100005>. Acesso em: 06 set. 2020.

SAÚDE Conselho Nacional de. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** CNS, (2012). Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

SAÚDE, Primeira Conferência Internacional sobre Promoção de. **Carta de Ottawa.** 1986. Disponível em: <http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/07/Ottawa.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

SAÚDE, Secretaria de Políticas de. A promoção de saúde no contexto escolar. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 533-535, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4/11775.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

SOUZA, A. N. de; LEITE, M. de P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400012>. Acesso em: 06 set. 2020.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIEIRA, R. F. **Comunicação Organizacional: Gestão de Relações Públicas.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200003>. Acesso em: 07 set. 2020.